

**BARTLEBY, O ESCRIVENTE, DE HERMAN MELVILLE: COMPARANDO DUAS
TRADUÇÕES DE TOMAZ TADEU**

*Isabel Speggorin Devincenzi*¹

RESUMO: Este trabalho se propõe a analisar duas versões de *Bartleby, o escrevente*, de Herman Melville, na língua portuguesa, por Tomaz Tadeu. Aspectos da modalidade verbal da expressão "I would prefer not to", tidas como "a fórmula", de acordo com Deleuze, serão observadas; bem como, as estratégias de tradução utilizadas pelo tradutor nas duas versões em português e as notas de rodapé explicativas por ele acrescentadas ao texto. É possível concluir que o tradutor realiza um trabalho capacitado e coerente em ambas as suas versões, o que demonstra a sua familiaridade com a cultura americana e seu conhecimento linguístico.

PALAVRAS-CHAVE: *Bartleby, o escrevente*, Tomaz Tadeu, fórmula, estratégias de tradução, notas de rodapé.

ABSTRACT: This paper proposes to analyze two versions of *Bartleby, the scrivener*, by Herman Melville, in the Portuguese language, by Tomaz Tadeu. Aspects of the modality of the expression "I would prefer not to", seen as "the formula", according to Deleuze will be observed; as well as the translation strategies used by the translator in the two Portuguese versions and the explanatory footnotes that he added to the text. It is possible to conclude that the translator performs a skilled and coherent work in both versions, which demonstrates his familiarity with American culture and his linguistic knowledge.

KEYWORDS: *Bartleby, The Scrivener*, Tomaz Tadeu, formula, translation strategies, footnotes.

INTRODUÇÃO

Bartleby, The Scrivener: A Story of Wall Street é um conto ou novela do escritor norte-americano Herman Melville, publicada pela primeira vez, e de maneira anônima, na *Putnam's Magazine* (1853), e, mais tarde, na coletânea *The Piazza Tales*, em 1856, com algumas

¹ Mestre em Letras, na área de Teoria da Literatura, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Licenciada em Letras, habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa, Língua Inglesa e Literaturas de Língua Inglesa, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2015).

modificações. De acordo com as notas publicadas por Tomaz Tadeu, na versão por ele traduzida de *Bartleby, o escrevente* (2015), não há grandes mudanças entre essas duas versões, exceto no final da narrativa, na versão da coletânea, *The Piazza Tales*, em que dois parágrafos sofreram significativas modificações, tendo determinadas informações suprimidas.

O tradutor esclarece, em nota na versão bilíngue publicada pela Autêntica Editora (2015), que a tradução por ele proposta trata-se de uma versão modificada do texto que foi publicado em *Bartleby, ou da contingência*, por Giorgio Agamben (2015), pela mesma editora e no mesmo ano. Tadeu (2015) informa que, na versão bilíngue, com o objetivo de "emparelhar os textos das duas línguas lado a lado, o tradutor submeteu-se (voluntariamente) à restrição de igualar o tamanho dos parágrafos da tradução aos do original".

O objetivo deste trabalho é comparar as duas traduções de *Bartleby, o escrevente* feitas por Tomaz Tadeu, sendo a primeira a que se segue ao texto de *Bartleby, ou da contingência*, de Giorgio Agamben (2015), pela editora Autêntica, e a segunda uma versão mais luxuosa, bilíngue e ilustrada, publicada, também, pela editora Autêntica, no ano de 2015. Será observado o aspecto da modalidade verbal na expressão emblemática do escrivão Bartleby, "I would prefer not to" acrescida de uma retomada da crítica acadêmica acerca desse assunto, para, então, partir-se para questões mais práticas da tradução. Será proposta a análise de um trecho da obra no seu original, a que referirei como texto de partida (TP), e a sua comparação com duas versões na língua portuguesa por Tomaz Tadeu, a que referirei como texto de chegada, TC-1 e TC-2. Especificamente, sobre os trechos selecionados, serão observadas as estratégias de tradução utilizadas pelo tradutor de acordo com as definições de Agenor Soares dos Santos, em *Guia Prático de Tradução Inglesa* (2007). Em seguida, analisarei as notas de rodapé presentes na primeira versão da tradução de *Bartleby, o escrevente* (TC-1), que são complementadas e acrescidas de outras notas na edição bilíngue (TC-2).

1. APRESENTAÇÃO DA OBRA LITERÁRIA

A tônica do enredo da novela de Melville é a intrigante história de um escrivão contratado para trabalhar em um escritório de advocacia em Manhattan. O escrivão, um homem cujo passado o narrador ignora, pouco a pouco, vai de um temperamento reservado, calmo e obstinado à completa recusa de suas obrigações como escrivão, fazendo uso da expressão emblemática "I would prefer not to", traduzida por Tomaz Tadeu como "preferiria não". Esta "fórmula" representa a postura de Bartleby em relação à vida e as suas obrigações

sociais e profissionais, e é interpretada por Leyda (1949) como uma declaração política. A declaração de Bartleby, no entanto, culmina na sua negação em fazer qualquer tipo de escolha positiva e na recusa de cumprir com o que é dele esperado, mesmo que isso signifique comprometer sua liberdade e bem-estar.

O personagem principal, Bartleby, pode ser interpretado de maneiras diferentes, como no entendimento filosófico de que sua negação para fazer escolhas e a sua recusa em inserir-se no mundo como um sujeito ativo e que exerce a sua vontade de potência, de fato, permitir-lhe-ia exercer em plenitude o seu livre arbítrio (LEYDA, 1949).

2. ASPECTOS DA MODALIDADE E "A FÓRMULA"

Analisar o significado semântico dos verbos modais é uma tarefa complexa. De acordo com Celce-Murcia e Larsen-Freeman (1999), os auxiliares modais se distinguem de outros verbos auxiliares, bem como de tempos verbais comuns. O uso dos verbos modais geralmente caracteriza um discurso em que o falante não está fazendo uma asserção, ou porque ele/ela não possui evidências empíricas ou informações suficientes para fazer esse tipo de declaração, ou porque o falante não quer se comprometer. Portanto, o sujeito "modaliza", optando por uma inferência entre sim/não, positivo/negativo. De acordo com Celce-Murcia e Larsen-Freeman (1999), essas proposições podem ser orientadas pela "probabilidade lógica", em que caberiam as deduções em termos de possibilidade ou necessidade para que algo aconteça, dado o conhecimento do falante sobre o assunto, como predições, desejos, etc.; ou pela "interação social", para expressar obrigações, comandos e permissões.

Modals are used for several reasons: to give proposition a degree of probability, to express one's attitude, and to perform various social functions, such as expressing politeness or indirectness when making requests, giving advice, or granting permission. (CELCE-MURCIA; LARSEN-FREEMAN, 1999, p. 141).

George Yule (1998, p. 104) descreve o verbo modal "would" como "the historical past tense of will", e ressalta que a combinação de distanciamento ("remoteness") e probabilidade ("likelihood") normalmente expressa um evento distante em termos de tempo e possibilidade em relação ao momento de fala. Yule (1998) classifica "would" em três termos de interpretação, os mesmos que se aplicam ao modal "will": "as a reported intention", "as the root meaning of willingness" e "as the epistemic meaning of prediction". Contudo, se analisarmos a expressão "I would prefer not to", como um todo, em termos linguísticos, ela se

enquadra no que Celce-Murcia e Larsen-Freeman (1996, p. 146) descrevem como "other meanings and uses of modals and modal-like forms that do not fit into the logical meanings and social uses" que são descritos através da "root" e "epistemic modality". Esta "modal-like form" expressa preferência através das expressões "would rather (x than y)"/"prefiro (X a Y)" e "would prefer to"/"preferiria". No caso de *Bartleby*, o escrevente "distorce" a noção de preferência, pois não há a contrapartida de sua preferência: o que ele preferiria fazer em vez de tudo o que ele rejeita.

A expressão "I would prefer not to" proferida por Bartleby foi chamada de "fórmula" por Gilles Deleuze (1997) em seu ensaio "Bartleby, ou a fórmula", presente em *Crítica e Clínica*, em tradução para o português, pela Editora 34, na qual o filósofo afirma que, apesar de "gramaticalmente correta", na falta da contraparte daquilo que Bartleby rechaça, ou seja, a sua preferência, essa expressão, aliada a sua "resistência e insistência", contém a força de uma "fórmula agramatical".

A fórmula comum seria antes *I had rather not*. Mas sobretudo a extravagância da fórmula extrapola a palavra em si: sem dúvida, ela é gramaticalmente correta, sintaticamente correta, mas seu término abrupto, NOT TO, que deixa indeterminado o que ela rechaça, lhe confere um caráter radical, uma espécie de função-limite. Sua reiteração e insistência a tornam, toda ela, tanto mais insólita. Murmurada numa voz suave, paciente, átona, ela atinge o irremissível, formando um bloco inarticulado, um sopro único. A esse respeito tem a mesma força, o mesmo papel que uma fórmula agramatical. (DELEUZE, 1997, p. 80)

De acordo com Desmarais (2001, p. 8), Deleuze adota uma "abordagem sintomatológica" de análise da obra de Melville, o que, para ela, significa perceber a linguagem como reflexo do processo da vida em si. Essa abordagem compreenderia os desdobramentos do uso que Bartleby faz da linguagem sob os outros personagens da narrativa, que, inicialmente, dispostos e, posteriormente, obrigados a travar tentativas de interação com o escrevente, passam a experimentar sensações de "loucura" frente ao esgotamento da linguagem. Sintomas, tais como, perplexidade, raiva, frustração, confusão e desconforto são vivenciados pelos colegas e chefe de Bartleby como resposta ao estranho comportamento do escrevente e, principalmente, pelo uso recorrente que este faz da palavra "prefer" e da inócua expressão "I would prefer not", seguidas do silêncio, como se tudo que pudesse ser dito já o tivesse sido.

A expressão "I would prefer not" pode ser percebida como desprezo ou mesmo desrespeito, tendo em vista as circunstâncias envolvidas: um subordinado se recusa a obedecer o seu superior, mas, não somente: Bartleby não fornece nenhuma explicação

razoável para justificar a sua recusa. No entanto, a expressão é, paradoxalmente, educada e estruturalmente organizada, deixando o interlocutor de Bartleby imóvel e sem argumentos. Para Desmarais (2001), a expressão "I would prefer not to" é uma verdadeira forma de resistência, embora mascarada por uma impressão de cortesia e pela falsa ilusão de escolha:

In their simplicity and politeness, these five words -“I would prefer not to”- and the use of the verb “prefer” most notably - achieve a paradoxical significance within the narrative. The statement juxtaposes a conditional with a negative sense, and this lends the reply its force. On the one hand, Bartleby refuses politely, using the conditional form “would” suggesting that there might be a choice in the matter. (DESMARAI, 2001, p. 2)

A emblemática expressão de Bartleby é uma ilusão de preferência, porque o escrivão se recusa a realizar qualquer pedido a ele dirigido, e suas preferências e argumentações parecem ser, igualmente, vazias de justificativa. Quando Bartleby é solicitado a cumprir o que lhe é exigido, não há nada que ele realmente "preferiria" fazer em vez de simplesmente expressar sua recusa em exercer o que dele se espera. De acordo com Desmarais (2001), a expressão "I would prefer not to" enfatiza uma negação que também implica uma escolha, que Bartleby, por sua vez, nega; dessa maneira, a expressão parece ser perigosamente neutra e ambígua.

Like the semblance of choice in his response, “prefer” is both illusive and allusive. Unspecific in what it refers to, the word alludes to a choice which it denies. The implicit suggestion that there might be something Bartleby would prefer to do is an illusion. The use of the word, “prefer”, then, appears contradictory and strikes an ambiguous note in the story. (DESMARAI, 2001, p. 2)

1.2. A MODALIDADE NA TRADUÇÃO

Apresento a seguir um trecho da obra analisada (MELVILLE, 2015) a fim de cotejar as versões acerca do uso dos verbos modais "will" e "would" e da forma "would prefer":

TP	TC-1 /TC-2
----	------------

"Bartleby", said I, "Ginger Nut is away; just step round to the Post Office, won't you? (it was but a three minute walk,) and see if there is anything for me." "I would prefer not to." "You <i>will</i> not?" "I <i>prefer</i> not." (p. 58)	"Bartleby", disse eu, "Ginger Nut está fora; não quer dar um pulo até os Correios (não levava mais do que três minutos) e verificar se há alguma coisa para mim?" "Preferiria não." "Você não <i>quer</i>?" "<i>Prefiro</i> não." (p. 59)
--	---

É possível observar que, em primeiro lugar, não há divergências entre as duas versões para o português propostas pelo tradutor (TC-1 e TC-2); em segundo lugar, que no TP o uso de "won't you?" como uma pergunta retórica, um pedido, não mantém a mesma estrutura lexical no TC. No TP, o advogado, empregador de Bartleby, inicialmente, dá o tom de comando/ordem: "just step round to the Post Office, won't you?", mas o tradutor opta por iniciar a sentença com uma frase interrogativa acrescida de negação: "não quer dar um pulo até os Correios (...) e verificar se não há alguma coisa para mim?". A parte da frase que corresponde a da interrogação se dá no fim da frase no TP, "won't you?", e parece transmitir um tom mais incisivo do que a versão proposta pelo TC, que, por sua vez, por compreender a negação "você não quer (...)" parece ter um tom sugestivo, que mais se aproxima de um pedido do que de ordem. Ademais, o "will" em "You will not?" é traduzido no TC como "Você não quer?" ao invés de outra versão possível: "Você não irá?", o que geraria uma leve diferença de significado, uma vez que "You will not?" transmite a ideia de negação frente a determinado ato, e "Você não quer?", uma preferência frente a algo passível de escolha.

Através da comparação entre os excertos anteriores tento demonstrar a dificuldade e a complexidade de trabalhar com a tradução do texto em prosa em geral, e o de Melville, especialmente, neste caso, repleto de meandros e sutilezas consequentes do uso dos verbos modais da língua inglesa. Tomaz Tadeu escreve no final da edição bilíngue de *Bartleby, o escrevente* uma nota específica para a expressão tantas vezes repetida ao longo do texto, "Preferia não", dizendo que são muitas as análises "que se concentram nessa frase destacam a sua intraduzibilidade, sobretudo pela sua indeterminação supostamente intraduzível pela partícula "to", que sugeriria uma recusa vaga e abrangente" (MELVILLE, 2015, p. 145), mas que essa se trata de uma frase "perfeitamente normal na língua inglesa" (idem), de forma que "a célebre resposta do personagem não carrega nenhum mistério nem é intraduzível" (p.146),

e a tradução por ele realizada "tem a mesma função do original e expressa-lhe fielmente o sentido" (idem).

Sobre a questão da "intraduzibilidade", Susan Bassnett em *Estudos de Tradução* (2005) afirma que "em nível linguístico, a intraduzibilidade ocorre quando não há substituto lexical ou sintático na LM para um item na LF" (BASSNETT, 2005, p. 54). Concordo com o que o tradutor Tomaz Tadeu observa a respeito da expressão da língua inglesa "I would prefer not to" não ser intraduzível, uma vez que há substitutos lexicais para a sua proposta na língua alvo. Talvez, o debate que permaneça a respeito dessa emblemática expressão não seja tanto no nível lexical, mas no semântico, na possibilidade de tradução da expressão *per se* frente aos questionamentos do mundo que Bartleby passivamente recusa.

Tomaz Tadeu enfatiza que essa expressão trata-se ainda de uma "maneira oblíqua, evasiva e polida de expressar uma recusa" (MELVILLE, 2015, p. 145), de modo que Melville, se assim quisesse, poderia ter optado por "I don't want to". Opção que, por vários motivos, distintos da polidez e da evasão, acredito não corresponder ao mesmo sentido da expressão adotada por Bartleby, porém é uma opção viável para o texto. As considerações do tradutor não desmerecem o trabalho bem feito na tradução de *Bartleby*, que mantém o essencial: a recusa do escrivão a qualquer atividade e à vida como ela lhe é apresentada, não somente àquilo que lhe é questionado em primeira ordem.

2 . COMPARAÇÃO ENTRE UM TRECHO DO TEXTO DE PARTIDA (TP) E OS TEXTOS DE CHEGADA (TC-1 E TC-2)

Selecionei para cotejo um parágrafo integral do início da obra *Bartleby, the scrivener*, em que o advogado, ao iniciar a narração sobre os estranhos acontecimentos por ele vivenciados na companhia do escrivão, considera importante, inicialmente falar de si mesmo, seu escritório e os seus empregados, antes de apresentar a figura principal dos eventos, o escrivão Bartleby. O narrador descreve o temperamento e as particularidades de seus funcionários mais antigos Turkey e Nippers, e, por último, apresenta o jovem Ginger Nut.

Abaixo, indico o texto original, descrito como TP, seguido dos textos de chegada, TC-1 e TC-2. As palavras e expressões em negrito sofreram equivalência, tal como definidas por Vinay e Darbelnet (1977), que ocorre quando os dois textos apresentam a mesma situação, porém usando "meios estilísticos e estruturais diversos" (BASTIANETTO. In.: VIEIRA (Org.), 1996, p. 22). Algumas expressões foram acrescidas de notas de rodapé pelo tradutor;

já as palavras e expressões sublinhadas são as que apresentam divergências entre TC-1 e TC-2, ou seja, apresentam pequenas mudanças na forma entre a edição publicada em 2015, que é precedida pelo texto de Agamben (TC-1) e a versão publicada em edição bilíngue (TC-2), respectivamente.

(TP)

*Ginger Nut, the third on my list, was a lad some twelve years old. His father was a carman, ambitious of seeing his son on the bench instead of a cart, before he died. So he sent him to my office, as student at law, errand boy, and cleaner and sweeper, at the rate of one dollar a week. He had a little desk to himself, but he did not use it much. Upon inspection, the drawer exhibited a great array of the shells of various sorts of nuts. Indeed, to this quick-witted youth the whole noble science of the law was **contained in a nut-shell**. Not the least among the employments of Ginger Nut, as well as one which he discharged with the most alacrity, was his duty as cake and apple purveyor for Turkey and Nippers. Copying law papers being proverbially a dry, husky sort of business, my two scriveners were fain to moisten their mouths very often with **Spitzenbergs** to be had at the numerous stalls nigh the Custom House and Post Office. Also, they sent Ginger Nut very frequently for that **peculiar cake**—small, flat, round, and very spicy—after which he had been named by them. Of a cold morning when business was but dull, Turkey would gobble up scores of these cakes, as if they were mere **wafers**—indeed they sell them at the rate of six or eight for a penny—the scrape of his pen blending with the crunching of the crisp particles in his mouth. Of all the fiery afternoon blunders and flurried rashnesses of Turkey, was his once moistening a ginger-cake between his lips, and clapping it on to a mortgage for a seal. I came within an ace of dismissing him then. But he mollified me by making an oriental bow, and saying—"With submission, sir, it was generous of me to find you in stationery on my own account."* (MELVILLE, 2015, p. 30 e 32)

(TC-1)

Ginger Nut, o terceiro da lista, era um rapazote de uns doze anos. O pai cocheiro, sonhava vê-lo, antes de morrer, em uma cadeira de juiz e não na boleia duma carroça. Enviou-o assim, ao meu escritório, como aprendiz de leis, contínuo e faxineiro, ao custo semanal de um dólar. Tinha uma mesinha só para ele, mas não a usava muito. Examinada, a gaveta revelava grande coleção de cascas de vários tipos de nozes. De fato, para esse rapaz esperto, toda a nobre ciência do direito **cabia numa casca de noz**. Uma de suas tarefas— de modo algum a menos importante e que ele executava com a maior alegria— era a de provedor de bolachas e **maçãs** para Turkey e Nippers. Como copiar documentos legais é provavelmente um tipo árido e ressecante de trabalho, meus dois escreventes viam-se obrigados a umedecer com frequência a boca com maçã, que podia ser comprada nos muitos quiosques perto da

Alfândega e dos Correios. Ademais, com muita frequência mandavam Ginger Nut atrás da **peculiar bolacha** — pequena, chata, redonda e muito condimentada — de cujo nome provinha o apelido que lhe deram. Nas manhãs frias, quando o trabalho era puro tédio, Turkey devorava-as aos punhados — o arranhar da pena confundindo-se com o mastigar das crocantes partículas na boca — como se fossem meras **obreias** (de fato vendiam seis ou oito delas por níquel). Dentre todos os cochilos e lapsos das ardentes tardes de Turkey, houve uma vez em que molhou nos lábios uma dessas bolachas, aplicando-a como lacre, numa hipoteca. Por um nada, não o despedi então. Mas ele me aplacou ao fazer uma vênica oriental, dizendo: "Com todo o respeito, senhor, foi generoso de minha parte fornecer-lhe material às minhas custas". (MELVILLE, 2014, p. 65-66)

(TC-2)

Ginger Nut, o terceiro da lista, era um rapazote de uns doze anos. O pai cocheiro, ambicionava ver o filho, antes de morrer, em uma cadeira de juiz e não num banco de carroça. Enviou-o assim, ao meu escritório, como aprendiz de leis, contínuo, faxineiro, ao custo semanal de um dólar. Tinha uma mesinha só sua, mas não a usava muito. Examinada, a gaveta revelava grande coleção de cascas de vários tipos de nozes. De fato, para esse jovem esperto, toda a nobre ciência do direito **cabia numa casca de noz**. Entre as suas tarefas — de modo algum a menos importante e que, além disso, executava com a maior alegria — estava a de provedor de bolachas e maçãs para Turkey e Nippers. Como copiar documentos legais é provavelmente um trabalho árido e ressecante, meus dois escreventes viam-se obrigados a umedecer com frequência a boca com maçã, que *se comprava* nos muitos quiosques perto da Alfândega e dos Correios. Ademais, *muitas vezes* mandavam Ginger Nut atrás da **peculiar bolacha** — pequena, chata, redonda e muito condimentada — que dera origem ao apelido que lhe deram. Nas manhãs frias, quando o trabalho era puro tédio, Turkey devorava-as aos punhados — o arranhar da pena confundindo-se com o mastigar das crocantes partículas na boca — como se fossem meras **obreias** (de fato vendiam seis ou oito delas por níquel). Dentre todos os cochilos e lapsos das ardentes tardes de Turkey, houve uma vez em que molhou nos lábios uma dessas bolachas, aplicando-a como lacre, numa hipoteca. Por um nada, não o despedi então. Mas ele me aplacou ao fazer uma vênica oriental, dizendo: "Com todo o respeito, senhor, foi generoso de minha parte fornecer-lhe material às minhas custas". (MELVILLE, 2015, p. 31 e 33)

Os termos em negrito "Spitzenbergs" e "maçãs", apresentam uma pequena diferença de significado, uma vez que "spitzenbergs" correspondem a um tipo antigo de maçã descoberto no século XVIII, perto da região de Nova York; contudo, não há grande perda de sentido na prosa literária entre o "spitzenberg" e "maçã", visto que elas remetem a mesma categoria de fruto e servem para o mesmo objetivo no contexto: umedecer a boca dos

escrivões que trabalham no árido e ressecante das cópias a mão; trata-se da estratégia de tradução por hiperônimo (CHESTERMAN, 1997). As outras palavras e expressões em negrito foram acrescidas de notas pelo tradutor, a saber: "peculiar bolacha" como equivalente para "peculiar cake" e "obreias" para "wafers" e "cabia numa casca de noz" como correspondente para "contained in a nutshell", que é mantida praticamente em sua tradução literal de modo a preservar um jogo de palavras entre a expressão idiomática inglesa e o nome do menino, Ginger Nut.

Não houve deturpação de significado entre as expressões sublinhadas e as soluções propostas pelo tradutor. De acordo com Agenor Soares dos Santos, em seu *Guia Prático de Tradução Inglesa* (2007), o uso de transposições, modulações e equivalências são "estratégias de tradução", que acredito terem sido bem empregadas pelo tradutor, indicação de seu trabalho cuidadoso, escapando, na maior parte do tempo, dos dois extremos: a tradução literal e da adaptação². Soares (2007) retoma as definições de Vinay e Darbelnet (1977) e aponta quatro métodos de tradução oblíqua: a transposição, a modulação, a equivalência e a adaptação; e que se difere, por sua vez, da tradução direta, na qual a tradução literal, o decalque e o empréstimo fazem parte.

Apresento na sequência, um quadro comparativo de alguns excertos entre o TP e TC-1 e TC-2, no qual sinalizo com marcadores numéricos as estratégias de tradução utilizados pelo tradutor, sendo o marcador (1) referente à transposição, (2) à modulação e (3) à equivalência, de acordo com as definições de Agenor Soares dos Santos (2007), e que comento a seguir.

A transposição ocorre quando é necessário rearranjar morfossintaticamente o texto na língua-alvo, quando há, por exemplo, alteração na ordem das palavras, veja "quick-witted youth" para "jovem/rapaz esperto", e também quando há mudança de classes gramaticais, como em "before he died" para "antes que ele morresse". A transposição, como observa Agenor Soares, é muito comum devido à estrutura morfossintática da língua alvo; no português, costuma-se usar o adjetivo antes do substantivo, já no inglês, o uso é obrigatoriamente o contrário.

A modulação compreende uma evidente mudança da estrutura semântica, mas com a manutenção do sentido do segmento traduzido. As modulações "Not the least among the

² Vinay e Darbelnet (1977) definem a adaptação como "o limite extremo da tradução". Agenor Soares dos Santos (2007) pauta-se nessa definição para explicitar que a adaptação ocorre quando o tradutor se depara diante de um "situação inexistente" na língua alvo e, para a transmitir, necessita, na maioria das vezes, "recorrer a expressões que transmitem o sentido, mas fugindo inteiramente ao vocabulário ou à construção da origem", e fazer uso de sua criatividade, pesquisa e conhecimento da cultura e das línguas.

employments of Ginger Nut" para "Uma de suas tarefas — de modo algum a menos importante" (TC-1) ou "Entre as suas tarefas — de modo algum a menos importante" (TC-2).

A equivalência é um caso radical de modulação, comum para tradução de clichês, metáforas, expressões idiomáticas, provérbios e ditos populares. É o que ocorre, por exemplo, o caso de "on the bench instead of a cart" para "em uma cadeira de juiz e não na boleia duma carroça" (TC-1) ou "em uma cadeira de juiz e não num banco de carroça" (TC-2).

TP	TC-1	TC-2
"[<i>ambitious of seeing [his son][on the bench instead of a cart][before he died]</i>]"	"[sonhava[vê-lo](1)](2), [antes de morrer](1), [em uma cadeira de juiz e não na boleia duma carroça](3)"	"[ambicionava ver [o filho](1), [antes de morrer](1), [em uma cadeira de juiz e não num banco de carroça](3)]"
"[<i>He had</i>][<i>a little desk [to himself]</i>]"	"[Tinha](1)[uma mesinha](1)[só para ele](1)"	"[Tinha](1) [uma mesinha](1) [só sua](1)"
" <i>to this[quick-witted] youth</i>]"	"para esse [rapaz [esperto](2)](1)"	"para esse [jovem [esperto](2)](1)"
"[<i>Not the least among the employments of Ginger Nut,</i>][<i>as well as</i>][<i>one which he discharged with the most alacrity</i>]"	"[Uma de suas tarefas](1)— de modo algum a menos importante](2) e que ele executava com a maior alegria"	"[Entre as suas tarefas](1) — de modo algum a menos importante](2) [e que, além disso,](1)[executava](1) com a maior alegria"
"[<i>Copying</i>] <i>law papers [being](proverbially [a dry, husky sort of business])</i> "	"[Como copiar](1) documentos legais [é](1) provavelmente [um tipo árido e ressecante de trabalho](1)"	"[Como copiar](1) documentos legais [é](1) provavelmente [um trabalho árido e ressecante](1)"
"[<i>after which he had been named</i>][<i>by them</i>]"	"[de cujo nome provinha o apelido](2)[que lhe deram](1)"	"[que dera origem ao apelido](2)[que lhe deram](1)"

3. ANÁLISE DAS NOTAS DE RODAPÉ

No TC-1, o tradutor Tomaz Tadeu adiciona ao todo seis notas de rodapé (iniciam-se pela numeração 2) que explicitam termos ou expressões da língua inglesa e que se referem à cultura norte americana. Já no TC-2, são ao todo treze notas ao final do texto, algumas que já estavam presentes no TC-1 são reinseridas de maneira integral ou, então, são modificadas. A seguir, trago algumas notas de rodapé presente em TC-1, aos quais farei um breve comentário.

Na primeira nota, nota 2, o tradutor explica o uso da "sand box", como o recipiente que contém a areia usada para secar a tintura das cópias, objeto que ele traduziu como "areeiro", de maneira muito acertada, pois, se literalmente traduzida, esta expressão como "caixa de areia", outra rede de significados completamente divergente da desejada poderiam ser ativadas:

2. No original, *sand-box*, espécie de mata-borrão. Consiste de uma caixinha, em geral redonda e baixa, de porcelana ou madeira, perfurada na parte de cima e contendo areia, que era polvilhada sobre a escrita ainda molhada para secá-la. (p.60)

Na nota 3, o contexto da narrativa corresponde a uma explicação formulada pelo narrador que, no dado momento, descreve episódio trivial em que seu empregado Nippers recebe no seu escritório de advocacia um de "seus clientes", pois este realizava "servicinhos nos tribunais", não sendo desconhecido nas escadarias das Tumbas". O tradutor opta, felizmente, por explicar o significado das "Tumbas":

3. No original, *The Tombs*, nome pelo qual era vulgarmente conhecida a prisão de Nova York. O nome oficial era *Halls of Justice* (Palácio da Justiça), também mencionado pelo narrador quase ao final do conto. (p.63)

Na nota 4, o tradutor caracteriza a "peculiar bolacha", no original "peculiar cake", que serviu de apelido ao seu empregado mais novo, Ginger Nut. É interessantíssima esta nota proposta pelo tradutor, pois ela revela que o apelido de Ginger Nut não se relaciona, exatamente, com o termo "nut", em português "noz", algo que o leitor poderia facilmente acabar presumindo dada a menção anterior feita pelo narrador à coleção de cascas de noz na gaveta do rapaz, mas que "ginger nut" corresponderia a uma "massa achatada", sentido que também se aplica ao formato das "doughnut", e dos clássicos *donut* americanos.

4. A "peculiar bolacha" como se verá, é a bolacha de gengibre. No original, *ginger nut*, apelido do personagem em questão. Trata-se de uma bolacha fininha, cujo ingrediente essencial, como esclarece o conto, é o gengibre. A não ser confundida com *ginger bread*, de composição semelhante, mas de formato um pouco diferente. O "nut" da palavra em inglês não é "noz", mas "massa achatada", usada nesse sentido, apenas nessa expressão e em "doughnut". (p.65)

Na nota 5, o tradutor explica o uso de "obreias", traduzido do original "wafers", caracterizam um tipo de hóstia, bolacha de farinha de trigo, usada para fechar cartas. Novamente, a intervenção do tradutor, através da nota de rodapé se faz muito oportuna, pois o significado mais usual para "wafer", para o leitor comum, é uma tipo de biscoito, ou massa de farinha assada, geralmente servida com coberturas, mas o tradutor alerta para um significado específico, religioso, tal como consta no dicionário Cambridge: "a very thin, round piece of dry bread that the priest gives to people to eat during Holy Communion"³

5. No original, *wafers*. Tem o sentido de "hóstia", tal como a utilizada na comunhão católica, mas, aqui, num sentido mais secular, daí a preferência por traduzi-la como "obreia" é "massa de que se faz a hóstia" e também "folha de fina massa de farinha de trigo, usada para cerrar cartas, que é, justamente o sentido na presente passagem. (p. 66)

Na nota 7, o tradutor descreve a expressão "Dead Letter Office" traduzido para o português como "Departamento das Cartas Mortas", outra cuidadosa escolha por parte do tradutor, que percebe que a tradução mais apropriada para o português, "Departamento de Cartas Extraviadas", não seria tão impactante ou efetiva para descrever a anterior ocupação de Bartleby, e criar o *mood* sob os episódios narrados e, possivelmente, a personalidade e comportamento apático de Bartleby, na minha interpretação.

7. No original, *Dead Letter Office*. A tradução mais apropriada, não fosse o jogo de palavras que se segue, seria Departamento de Cartas Extraviadas. Era uma repartição dos serviços postais americanos, fundada em 1825, com a função de destruir as correspondências extraviadas, retirando-lhes antes quaisquer objetos de valor que pudessem conter. (p. 105)

A maioria das notas de rodapé presentes na obra em questão contém informações da cultura norte-americana e que o leitor-comum, brasileiro, talvez não tivesse acesso sem a intervenção oportuna do tradutor. Saliento, ainda, que as notas 4, "peculiar cake" e a 5,

³ Cambridge Dictionary [Online]. Disponível em: <<https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles-portugues/wafer>>. Acessado em : 10 dez. 2017.

"wafer", relacionam-se intimamente ao trecho destacado para o cotejo e surpreendem por trazerem um significado inexistente ou muito pouco usual na nossa língua materna.

Acrescento uma última nota, retirada do TC-2, que não consta no TC-1, em que o tradutor explicita o jogo de palavras contido em "in a nut shell". Esta expressão foi usada pelo narrador quando, ao verificar a gaveta da mesa de Ginger Nut, nela encontrou uma grande coleção de diferentes cascas de noz, e o narrador percebe a ingenuidade, simplicidade e esperteza do garoto de doze anos, para quem "toda a nobre ciência do direito cabia numa casca de noz".

Cabia numa casca de noz - no original, *contained in a nut-shell*. Jogo de palavras, intraduzível entre as nozes propriamente ditas, anteriormente mencionadas, e a expressão metafórica "in a nut shell", significando qualquer coisa tão breve, ínfima, limitada ou condensada que pode ser contida numa casca de noz. (p. 144-145)

O texto de Melville, em muitas situações, como a acima descrita, tem um tom de ironia e humor, especialmente no que se refere às considerações do narrador sobre os seus dois outros funcionários Turkey e Nippers, que alteram o seu humor e capacidade de trabalho em turnos. Turkey trabalha bem e é cordial pela manhã, quando ainda não fez a sua pausa para o almoço em que costuma bebericar; já Nippers, ao contrário de Turkey, pela manhã apresenta o mau-humor e intolerância causados pelos seus problemas digestivos, já à tarde, mostra-se mais cordial e bem disposto.

Quando o narrador descreve que "toda a nobre ciência do direito cabia numa casca de noz", talvez, o leitor comum, de imediato, relacione o fato de que na gaveta do menino havia quantidade variada de cascas de noz, mas não faça a conexão entre a expressão em inglês "in a nut shell" que o tradutor acertadamente pontua como "qualquer coisa tão breve, ínfima, limitada ou condensada que pode ser contida numa casca de noz", o que completa a jogo de ironia armado pelo autor.

Esta intervenção do tradutor se mostra ainda mais presente através da notas de rodapé, ao propor uma interlocução com o leitor. Arrojo (2013) descreve a íntima relação entre o escrever/traduzir, como propôs Octavio Paz (2009), e que relaciono ao exercício de tradução analisado.

Ao mesmo tempo em que aprende a "ler", o tradutor/aprendiz deve também aprender a "escrever", com o mesmo cuidado e com a mesma persistência daqueles que se preparam para ser escritores. Escrever e traduzir, como sugere Octavio Paz, são operações "gêmeas". Além de refletir a leitura que o tradutor elaborou a partir do "original", todo texto traduzido será, para um público que não tem acesso a esse

"original", texto de partida para a construção de outras leituras. (ARROJO, 2013, p. 77)

Destaco a importância das notas de rodapé pensadas pelo tradutor a fim de contextualizar as expressões da língua de partida para a língua de chegada, mas, não somente isso, por incluir também o leitor de outra cultura e de outra língua na rede de significados que formam as múltiplas interpretações possíveis do texto. Uma vez que, sem a intervenção do tradutor, o leitor poderia, até certa medida, acompanhar e interpretar o texto, mas perderia, em parte, referências importantes que o autor faz ao contexto da narrativa.

O acertado trabalho de tradução realizado pelo tradutor confere determinados efeitos ao texto, como a ironia, e a multiplicidade e o alargamento de termos e expressões na língua fonte que poderiam ser tomados pelo leitor de maneira mais literal e, portanto, limitadas, caso dispensadas as notas do tradutor e seu trabalho cuidadoso, diligente e culturalmente atento. Como diz Arrojo (2013, p. 76), a tradução é "uma atividade essencialmente produtora de significados", e o trabalho do tradutor é "pelo menos tão complexo quanto o do escritor de textos "originais"".

Além da complexa tarefa de dominar as línguas envolvidas no processo, aprender a traduzir significa necessariamente aprender a "ler". (...) aprender a "ler" significa, portanto, apreender a produzir significados, a partir de determinado texto, que sejam "aceitáveis" para a comunidade cultural da qual participa o leitor. (ARROJO, 2013, p. 76)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível fazer algumas observações de diferentes ordens a respeito das traduções realizadas por Tomaz Tadeu e que irei, brevemente, aqui expor.

A modalidade expressa pela máxima de Bartleby "I would prefer not to", parece não ser comportada por "Preferiria não", mas a tradução conserva a recusa e a resistência passiva do escrivo em sua falsa proposição de escolha.

O tradutor faz uso de estratégias de tradução: transposição, modulação e equivalência de maneira adequada e coerente.

Em relação às notas de rodapé, é possível considerá-las de grande valia para a recepção do texto e o alargamento da interpretação pelo leitor, uma vez que, vários termos ou expressões da língua de partida, o inglês, não encontram correspondente exato no português, sendo necessário que o tradutor utilize de diferentes estratégias de tradução que são, a meu

ver, muito bem empregadas em ambas as versões do texto literário analisado traduzidos pelo referido tradutor.

REFERÊNCIAS

- ARROJO, Rosemary. *Oficina de tradução: a teoria na prática*. São Paulo: Ática, 2013.
- BASSNETT, Susan. *Estudos de tradução*. Tradução de Sônia Terezinha Gehring [et al.]. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005.
- CELCE-MURCIA, M.; LARSEN-FREEMAN D. *The Grammar Book-An ESL/EFL Teacher's Course*. 2 ed. Nova York: Heinle&Heinle Publishers, 1999.
- CHESTERMAN, A. *Memes of translation: the spread of ideas in translation theory*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1997.
- BASTIANETTO, Patrizia Collina. J.-P. Vinay, J. Darbelnet - Stylistique comparée du français et de l'anglais: méthode de traduction. In.: VIEIRA, Else Ribeiro Pires (Org.). *Teorizando e contextualizando a tradução*. Belo Horizonte: FALE/UFGM, 1996.
- DELEUZE, Gilles. *Crítica e clínica*. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1997.
- DESMARAIS, Jane. Preferring not to: The Paradox of Passive Resistance in Herman Melville's 'Bartleby'. *Journal of the Short Story in English*, 36, p. 25-39, 2001. Disponível em: <<http://jsse.revues.org/index575.html>>. Acessado em: 9 dez. 2017.
- LEYDA, Jay (Org.). *The complete stories of Herman Melville*. Nova York: Random House, 1949.
- MELVILLE, Herman. Bartleby, o escrevente: uma história de Wall Street. Tradução Tomaz Tadeu. In.: AGAMBEN, Giorgio. *Bartleby ou da contingência*. Tradução de Vinícius Honesko. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.
- MELVILLE, Herman. *Bartleby, o escrevente: uma história de Wall Street*. Tradução e notas de Tomaz Tadeu. Ilustrações de Javier Zabala. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.
- PAZ, Octavio. *Tradução: literatura e literalidade*. Ed. bilíngue. Tradução de Doralice Alves de Queiroz. Belo Horizonte: FALE/UFGM, 2009.
- SANTOS, Agenor Soares. *Guia prático de tradução inglesa: como evitar as armadilhas das falsas semelhanças*. Rio de Janeiro: Campus/Elsevier, 2007.
- VINAY, Jean-Paul; DARBELNET, Jean. *Stylistique comparée du français et de l'anglais: méthode de traduction*. Paris: Marcel Didier, 1977.

YULE, George. *Explaining English Grammar*. Oxford: Oxford University Press, 1998.